



MANIFESTAÇÕES AFRO-BRASILEIRAS INSERIDAS NO TEMPO/ESPAÇO DO LAZER

Silvana dos Santos (UEM), Giuliano Gomes de Assis Pimentel (UEM)

RESUMO

Embora o Brasil seja um país multicultural, há carência de manifestações afro-brasileiras no âmbito da intervenção no lazer. Frente a esta lacuna, o objetivo dessa discussão consiste em compreender como os conteúdos da cultura afro-brasileira são oportunizados por meio da educação para e pelo lazer. Trata-se de um estudo descritivo de cunho qualitativo. O estudo constatou que as abordagens das manifestações culturais afro-brasileiras são formas de desconstruir estereótipos e ideias preconcebidas que, por vezes, codificam as ações do sujeito. Assim, a tentativa de atuar/intervir com conteúdos pouco discutidos favorecem as contradições conceituais, dificultando a apropriação dos conteúdos de matrizes que não sejam as estabelecidas socialmente, a exemplo do eurocentrismo.

Palavras-chave: manifestações afro-brasileiras; lazer; emancipação.

INTRODUÇÃO

Tomamos o lazer enquanto tempo/espaço (em geral institucionalizado) de vivências lúdicas em sua multiplicidade de formas (culturais, recreativas, esportivas e artísticas). Habitualmente o lazer está reduzido à reprodução de conhecimentos e à garantia de recuperação para o trabalho. No entanto, este deve ser compreendido para além de suas funções, sendo capaz de “organizar possibilidades de lazer que combinem a liberdade de escolha, a ludicidade e o prazer com uma direção político-pedagógica de crítica e transformação da realidade” (SILVA; SILVA, 2004, p. 22).

Essa transformação deve ser capaz de produzir uma perspectiva emancipatória de modo que o indivíduo seja capaz de se humanizar a partir da produção cultural, auto-determinada formando uma consciência crítica de si mesmo e do mundo em seu tempo livre.

Neste sentido, o lazer ao ser entendido como tempo livre, é uma apropriação da indústria cultural, mas, com características ligadas ao trabalho, formando um par dialético, pois um se contrapõe ao outro, ao mesmo tempo em que suas existências são decorrentes um do outro. Por conseguinte, o lazer possui forte papel de controle social, embora, na maioria das vezes, no momento de lazer o sujeito está preso ao seu trabalho (NETO, 2009).

Embora o campo do lazer busque compreender os vários sentidos/significados atribuídos culturalmente, seja através das políticas públicas, das relações sociais e até mesmo na formação, ainda observa-se que a intervenção profissional carece de propostas mais ligadas à pluralidade cultural.

Em relação à pluralidade cultural, focaremos nos conteúdos ofertados pela cultura afro-brasileira, uma vez, que nossa inquietação está centrada em quais práticas podem ser elaboradas

a partir dos conteúdos culturais afro-brasileiros que promovam emancipação as práticas sociais de lazer.

Os estudos das questões étnico-raciais, em específico da cultura afro-brasileira, apresentam enfoques direcionados às manifestações culturais, quase sempre relacionados ao âmbito do lazer. Para Ambler (2003) o lazer na África pode ser considerado uma construção social e cultural, e os significados de lazer, em alguns casos se diferem acentuadamente em torno de raça, classe e gênero, etnia, gerando limites propícios às tensões e conflitos na busca da autonomia ao mesmo tempo em que provoca resistência à imposição de atividades de lazer e perda de controle sobre elas.

As manifestações culturais são expressões de grupos específicos da cultura, relaciona-se às vivências, rememorando no presente as práticas que não foram esquecidas pela comunidade, mantendo-se assim, a identidade de um determinado grupo. Neste aspecto, Gomes (2011), salienta que as manifestações culturais são práticas que integram a cultura de cada povo, de modo a assumir múltiplos significados quando realizadas em um determinado tempo/espaço social, assumindo um papel peculiar em diferentes vertentes (grupos sociais, instituições, associações, e sociedade) que as vivenciam histórica, social e culturalmente.

O ensino da cultura afro-brasileira, assim, como as demais manifestações, exigem a manutenção de valores, porém, mesmo que os espaços institucionalizados introduza tais conteúdos, será uma abordagem superficial, a exemplo da prática da capoeira citada por Rotta et al (2002), esta modalidade não emerge da escola, mas provoca inquietações, pois, em seu contexto histórico, apresenta as lutas sociais do negro. Por outro lado, permitir essa prática, nestes espaços é correr o risco de anular o seu caráter singular de luta contra a ordem imposta, na tentativa de homogeneizá-la culturalmente.

Deve-se levar em consideração, que as práticas voltadas às manifestações culturais afro-brasileiras, são formas de rompimento com os paradigmas do sistema, mesmo, que retrate a importância nas abordagens da história afro-brasileira, no cumprimento a uma lei (10.639/03), não se fará calar, tão pouco deixar de existir as diferenças, assim como pontuam Pereira et al (2009)

As pessoas se deparam com as diferenças existentes e aparentemente consolidadas pela sociedade, acreditando, por vezes, que situações constrangedoras desencadeadas através de apelidos, brincadeiras mal intencionadas, especialmente no ambiente escolar, são atitudes corriqueiras, as quais devem ser aceitas como “naturais” pela força do contexto em que se vive, como, por exemplo, acreditar que afrodescendentes são seres humanos inferiores. (p.1)

No âmbito do lazer, onde há promessa de liberdade, conseqüentemente haverá tentativa de controle (SANTOS e PIMENTEL, 2012). As instituições também não se fazem diferentes ao aspecto de “falsas promessas”, no caso das questões étnicas, por exemplo, a escola seria o local onde as pessoas deveriam sentir-se em situação de acolhimento étnico-cultural, nos

aspectos: valorização, receptividade, conforto, no entanto, em alguns casos, ainda percebe-se situações de tolhimento, fortalecendo a desvalorização, provocando constrangimento, desconforto. (PEREIRA et al, 2009).

As instituições de caráter formal acabam por centralizar o papel de difundir a cultura afro-brasileira, no entanto, a conjuntura entre o informal e não formal também estabelece laços que permitem a propagação desse conhecimento/reconhecimento da diversidade cultural, através da conscientização identitária, assim como pontua Costa:

Superar o problema da discriminação racial na educação não é colocar capoeira, cabelo com trancinha ou feijoada no currículo; pode até passar por isso, mas deve antes passar pelo compromisso dos educadores de tentar qualificar os seus alunos negros para as mesmas posições ocupadas pelos alunos oriundos dos outros segmentos étnicos (COSTA, 2010, p. 46).

Neste sentido, o que se propõem em relação à história e cultura afro-brasileira nos diferentes âmbitos, vem de forma contraditória ao proposto pela lei, a educação continua centrada no modelo europeu e americano, sempre desfavorecendo o negro e o indígena, a exemplo dos estudos de História do Brasil, onde se ignora a construção da nação brasileira pelos negros escravizados, impossibilitando a consolidação de costumes e valores, conforme mostra Fernandes (2005, p.380):

Os africanos, que aportaram em nosso território na condição de escravos, são vistos como mercadoria e objeto nas mãos de seus proprietários. Nega-se ao negro a participação na construção da história e da cultura brasileira, embora tenha sido ele a mão-de-obra predominante na produção da riqueza nacional, trabalhando na cultura canavieira, na extração aurífera, no desenvolvimento da pecuária e no cultivo do café, em diferentes momentos de nosso processo histórico.

Se analisar esta situação enquanto aprendizagem, pode-se considerar que ocorre de um modo ou de outro, momentos provocadores deste processo, mesmo que para isso, ocorra a dicotomia entre prazer e dor. Destarte, é necessária a obtenção do conhecimento da história da África e do negro para gerir nova contribuição à educação, que ainda permanece nos padrões eurocêntricos e negando a pluralidade étnico-cultural da formação do país, conforme afirma Gonçalves Junior (2007, p. 31)

Observamos comumente nas aulas de Educação Física, a predominância do esporte como conteúdo por vezes exclusivo, o que acaba por reduzir o universo da cultura corporal, circunscrevendo-o, não raro, ao contexto cultural estadunidense e/ou europeu do futebol, voleibol, basquetebol e handebol, em detrimento das potencialidades que podem ser exploradas ao propor a vivência de outras práticas corporais (jogos, brincadeiras, danças, lutas), oriundas da diversidade cultural de diferentes povos que construíram e constroem o Brasil para além dos europeus, tais como os indígenas e africanos.

Partindo do diálogo entre desafios e enfrentamentos, propostos pela lei 10.639/03, na perspectiva de obter subsídios e contribuições significativas para a aplicabilidade da referida lei,

também podemos pensar na emancipação do sujeito, a partir da expansão do lazer, tendo como veículo de conhecimento as manifestações culturais afro-brasileiras para além da instituição formal.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo de cunho qualitativo, na qual se observou ações relacionadas as manifestações afro-brasileiras no âmbito do lazer, registrando e analisando a sistematização encontrada no atuar/intervir dos conteúdos advindos das matrizes africanas.

CONCLUSÕES

É possível perceber a existência de conteúdos afrobrasileiros em diferentes contextos e espaços/tempo no âmbito do lazer. Os mesmos podem ser objeto de diferentes enfoques profissionais. Frente ao compromisso com mudanças na sociedade, é essencial compreender essas práticas culturais como um exercício crítico fundamentado. Para tanto, é necessário enfrentar o desafio do eurocentrismo e das visões estereotipadas.

Desse modo, pensar a educação para e pelo lazer a partir da diferença cultural, do conhecimento e conteúdos africanos e afrobrasileiros possibilita aproximações entre conteúdos e processos pedagógicos num contexto sociocultural voltado às relações étnico-raciais.

Em conclusão, a educação para e pelo lazer utilizando-se dos elementos culturais afrobrasileiros possibilitam elementos pouco recorrentes nos moldes de trabalho hegemônicos. Pensamos na inserção de práticas como capoeira, arte e danças no contexto da animação bem como aumentar a complexidade das práticas recorrentes considerando aspectos ligados a *modus vivendis* da herança afrobrasileira, tais como vadiagem, axé, oralidade e religiosidade.

EVENTS AFRO – BRAZILIAN ENTERED IN TIME/LEISURE SAPCE

ABSTRACT

Although Brazil is a multicultural country , there is a lack of african - Brazilian manifestations under the assistance at leisure. Faced with this gap , the purpose of this discussion is to understand how the contents of the african -Brazilian culture are oportunizados through education and at leisure . This is a descriptive study of qualitative nature . The study found that the approaches of african - Brazilian cultural manifestations are ways to deconstruct stereotypes and preconceived ideas that sometimes encode the actions of the subject . Thus , the attempt to act / intervene with little discussed contents favor the conceptual contradictions , making the appropriation of the contents of matrices other than those established socially example of Eurocentrism .

Key words: african-brazilian manifestation; leisure; emancipating.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T.W. **Palavras e sinais: modelos críticos 2**. Tradução de Maria Helena Ruschel, supervisão de Álvaro Valls. Petrópolis: Vozes, 1995.

AMARAL, R. SILVA, V.G. Foi conta para todo canto: as religiões afrobrasileiras nas letras do repertório musical popular brasileiro. **Revista Afro-Ásia**, n. 34, p. 189 – 235, 2006.

AMBLER, C. **Leisure in urban África**. Copyrigh: First priting, 2003.

BARROS, J.A. As influências da arte africana na arte moderna. **Revista Afro-Ásia**, n. 44, p.37-95, 2011.

CARVALHO, M.V. Vadiagem e criminalização: a formação da marginalidade social no Rio de Janeiro de 1888 a 1902. In: XII Encontro regional de História ANPUH – RJ, 2006.

CORRÊA, N.F. Os vivos, os mortos e os deuses: um estudo antropológico sobre o batuque do Rio Grande do Sul. **Dissertação de Mestrado** – Departamento de Programa em Pós-Graduação em Antropologia – UFRGS, Porto Alegre, 1988.

COSTA, L.G. **História e cultura afro-brasileira**. Subsídios para a prática da educação sobre relações étnico-raciais. Maringá, Eduem, 2010.

CUNHA, G.S.C. Da lei a realidade: a arte afrobrasileira na sala de aula. **Monografia de Especialização em Ensino da Arte**, Programa de Pós-Graduação da Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma (SC), 2006.

FERNANDES, J.R.O. **Ensino e diversidade cultural: desafios e possibilidades**, Caderno Cedes. Campinas, V. 25, n. 67, p: 378-388, set.-dez. 2005.

GOMES, C.L. Lazer e formação profissional: saberes necessários para qualificar o processo formativo. In: FORTINI, J.L.M. GOMES, C.L. ELIZALDE, R. (org.) **Desafios e perspectivas da educação para o lazer**. Belo Horizonte: Editorial SESC/Otium, 2011.

GONÇALVES JUNIOR, L. A motricidade humana no ensino fundamental. In: **I Seminário Internacional de Motricidade Humana: passado-presente-futuro**, 2007, São Paulo. Anais... v.1. p. 29–35. São Paulo: ALESP, 2007.

LARA, L.M. Danças de orixás e educação física: delineando perspectivas a partir dos rituais de candomblé. In: Revista da Educação Física – UEM, Maringá, v. 11, n. 1, p. 59 – 67, 2000.

LIMA, P. R. M. **Campinácios: vivências de animação sócio cultural**. Dissertação de mestrado em Estudos da Criança Associativismo e Animação Sócio Cultural. Universidade do Minho – Instituto de Estudos da Criança – Portugal. 2009.

NETO, J.M.V. Educação física e cultura industrial. **Revista Estudos**, Goiânia, v. 36, n. 9/10, p. 1019 – 1044, set/out. 2009.

ORO, A.P. Axé MERCOSUL: as religiões afrobrasileiras nos países do Prata. Petrópolis: Vozes, 1999.

PADILHA, V. **Shopping center : a catedral das mercadorias**. São Paulo, Boitempo, 2006.

PEREIRA, A.A.; GONÇALVES JUNIOR, L. SILVA, P.B.G. Jogos africanos e afro-brasileiros no contexto das aulas de educação física. In: XII Congresso da Association Internationale pour la Recherche Interculturelle (ARIC): **Diálogos Interculturais: Descolonizar O Saber E O Poder**, 2009, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, p.1-18, 2009.

PEREIRA, R. M. R. Tudo ao mesmo tempo agora: Considerações sobre a infância no presente. In: GONDRA, J. G.(org) **História, Infância e escolarização**. Rio de Janeiro: 7Letras, p. 149 – 167. 2002.

PERINI, J.A. BELLÉ, L.A. Conteúdos étnico-racial no ensino da arte através dos museus virtuais: um caminho para a inclusão social. In: **Anais VI Ciclo de Palestras de Investigação do PPGAV**, p. 166 – 177, 2011.

PRAXEDES, W.L.A. A questão racial e a superação do eurocentrismo na educação escolar. In: COSTA, L.G. (org.) **História e cultura afro-brasileira: subsídios para a prática da educação sobre relações étnico-raciais**. Maringá: Eduem, 2010.

ROTTA, D.C. PARDO, E.R. RIGO, L.C. Manifesto contra o mimo: por uma educação corporal dos afectos. In: Motus Corporis: **Revista de divulgação científica do mestrado e doutorado em educação física**. Rio de Janeiro, 2002.

SANTOS, S. PIMENTEL, G.G.A. Lazer e Religião: Entre o Lícito e o Que Convém In:Seminário “**O Lazer em Debate**”. Belo Horizonte, MG.) Coletânea do XIII Seminário “O lazer em debate” / (Org.) Hélder Ferreira Isayama, Marcus Aurélio Taborda de Oliveira, César Teixeira Castilho, Karine Barbosa de Oliveira. – Belo Horizonte : UFMG/DEF/CELAR, 2012.

SANTOS, J.V. Vadiagem, mentalidade e discurso. **Revista Brasileira de História e Ciências Sociais**, v. 1, n. 2, dez. 2009.

SILVA, J. A. de A. da e SILVA, K.N. P. Silva. **Círculos Populares de Esporte e Lazer: Fundamentos da Educação para o Tempo Livre**. Recife: Bagaço, 2004.

WAICHMAN, P. **Tempo Livre e Recreação**. Campinas: Papirus, 1997.

_____. **Cuál recreación para América Latina? Espacio Abierto**, v. 18, n. 1, p. 101 – 108, 2009.